

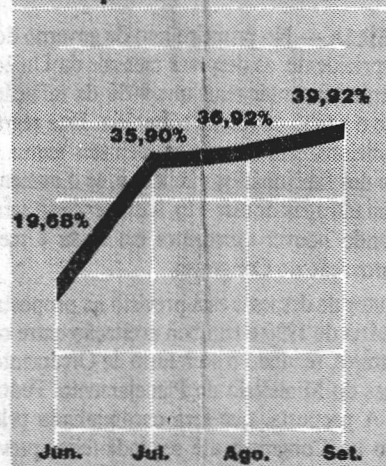
Preço de produto no atacado puxa IGP-M para 39,92%

A Fundação Getúlio Vargas divulgou ontem o IGP-M (Índice Geral de Preços do Mercado) de setembro, que teve uma variação de 39,92%. É o maior resultado da série do índice desde seu lançamento, em junho, que já acumula uma taxa de 211,6%. A taxa do mês foi pressionada principalmente pela variação do Índice de Preços no Atacado — 42,9% —, que é o componente de maior peso na formação do IGP-M, com uma participação de 60%. O Índice de Preços ao Consumidor sofreu uma variação de 34,43% e o Índice Nacional de Custo da Construção teve uma elevação de 38,04%. A inflação oficial, que o governo deve divulgar hoje, está em torno de 35,6%.

No crescimento do IPA, foi bastante acentuada a alta dos preços dos bens de consumo duráveis (61%), pressionada pelos itens do subgrupo dos eletrodomésticos. Alguns produtos tiveram aumentos superiores a 100%, como máquinas de lavar roupa (165%) e TVs a cores (115%), com destaque para os preços dos ferros de engomar, com reajustes de 328%, em média.

De acordo com o diretor-adjunto do Instituto Brasileiro de Economia da

Evolução do IGP-M



Fonte: Fundação Getúlio Vargas

FGV, Ângelo de Souza, esses preços ainda não foram repassados para o varejo, ou seja, para o consumidor, o que poderá ocorrer no próximo mês. No varejo, os reajustes desses produtos não chegaram a 50% no período de coleta — de 21 de agosto a 20 de setembro.

Entre os grupos que compõem o IPC, os aumentos foram mais uniformes. O destaque ficou por conta dos itens do grupo Transportes (49,34%), basicamente em função das elevações dos preços das tarifas de ônibus urbanos (58%, em média, no Rio e em São Paulo), e dos combustíveis (50%, em média). Também foram expressivos os aumentos dos preços nos grupos Despesas Diversas (37,95%) e Habitação (36,99%).

Os itens do grupo dos Alimentos, ao contrário, têm sofrido aumentos bem abaixo da média do IGP-M. A variação foi de 28,41% — a mais baixa entre todos os grupos. Produtos com expressiva participação no índice final, como a carne bovina (21%), arroz (10%) e hortaliças (14%) sofreram aumentos relativamente pequenos, com destaque para a deflação de 1% nos preços do feijão preto.

Com referência ao Índice Nacional do Custo da Construção, os preços dos materiais de construção subiram 39,32%, enquanto os custos da mão-de-obra tiveram uma variação média de 35,93%.